



Arquétipos esquecidos e resgatados: a ressignificação da Femme Fatale

Bárbara Yanara da Silva
Universidade Federal de Goiás
barbarayanara@hotmail.com

Resumo: O trabalho tem por objetivo discutir a narrativa arquetípica existente no mito de Lilith, bem como compreender sua ressignificação e apropriação pelo movimento feminista contemporâneo. Para tal, utiliza-se de pesquisa teórica bibliográfica e método hermenêutico com abordagem mnemônica, que perpassam os estudos de autores como Jô Gondar, Carl Jung e Roberto Sicuteri. Uma vez que o estudo e análise das narrativas envolvem a memória coletiva e individual, no que diz respeito à permanência e criação de narrativas carregadas de simbolismo, observa-se a transformação do mito da *femme fatale* e a ressignificação deste pelo movimento feminista. A feminilidade é um todo, porém, a reinvenção do mito de Lilith enfatiza uma vertente do ser mulher que se aproxima da subversão, liberdade e independência sexual e social feminina.

Palavras-chave: Lilith. Femme Fatale. Ressignificação. Memória.

Introdução

O corpo feminino é tomado, historicamente, como objeto de manipulação e território explorado. O ser feminino, ao longo do tempo, tem sido submetido a diversas formas de dominação que implicam na construção de estereótipos que “definem” as características concebidas como fundamentais para se desenhar o ser feminino ideal. Além de definir o que e como uma mulher deve ser formada a sociedade também utiliza de mecanismos sociopolíticos para dizer quais são as características que destoam da idealização do ser feminino. Os arquétipos são um destes mecanismos, utilizados para transmitir, entre gerações, imagens primordiais originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo.

Uma das principais instituições responsáveis por esta criação e transmissão de arquétipos femininos são as religiões, em especial as ocidentais. O judaísmo-cristianismo foi responsável por alguns dos principais arquétipos femininos: Lilith, Eva e Maria. Estas personagens são, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares e seus mitos trazem as definições arquetípicas do ser mulher e de suas implicações sociais. Neste estudo



utilizaremos como objeto de pesquisa a personagem Lilith, considerada uma representação arquetípica da *femme fatale*, evidenciando a criação de seu mito e arquétipo e como estes foram resgatados e ressignificados na sociedade contemporânea pelo feminismo. Apontaremos, ainda, esta nova concepção da *femme fatale*, através de personagens femininas de produções fílmicas populares da sociedade contemporânea que ilustram este arquétipo.

Arquétipo: representação e transmissão do inconsciente

Para entendermos o conceito de arquétipo é fundamental compreender o inconsciente humano. De acordo com Jung (2000), inicialmente, a psicologia traduzia o inconsciente como os “conteúdos reprimidos ou esquecidos” (p. 15), possuindo natureza exclusivamente pessoal. Entretanto, o autor ressalta que o inconsciente possui duas camadas. A primeira é uma camada superficial que corresponde ao inconsciente pessoal, adquirido pelas experiências pessoais, e que é submissa à segunda camada: o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo é uma camada mais profunda, sendo originada da universalidade de conteúdos e comportamentos. O autor denomina os conteúdos do inconsciente coletivo de “arquétipos”.

Os arquétipos seriam, portanto, os tipos “originais”, arcaicos, as primeiras referências de “imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2000, p. 16). Constroem-se figuras simbólicas transformadas em fórmulas conscientes que se transmitem por meio de ensinamentos tradicionais, para Jung, os mitos são uma destas formas de transmissão das narrativas arquetípicas. Por isso, os arquétipos constroem representações coletivas através de influências conscientes assumindo nuances que variam de acordo com o inconsciente pessoal no qual são manifestados. Logo, os mitos se formam a partir da união das objetividades com as experiências sensoriais pessoais.

Gomes e Almeida (2007) acrescentam que

Os mitos são representações simbólicas e pictóricas dos arquétipos. Nesse sentido, o mito não busca estabelecer relações científicas, mas apenas guardar uma verdade psicológica a ser transmitida de geração em geração. Além disso, sua estrutura é semelhante a fábula onírica, na qual o real e o imaginário fundem-se na construção de uma imagem fantástica e fantasmática capaz de ser lembrada e atualizada pelo sonhador. (S/p)



O mito é uma das formas de transmissão dos arquétipos que exprime as projeções idealizadas de fatos objetivos de acordo com cada psique humana. A fusão do real e do imaginário elucida a fusão dos inconscientes pessoais e coletivos embasados em particularidades sociais, culturais e históricas. Os autores acrescentam ainda que “Em cada época, os arquétipos mudam a roupagem como se apresentam, contudo sua estrutura e dinamismo básico permanecem” (GOMES; ALMEIDA, 2007, s/p). Dito isso, os arquétipos formam as estruturas basilares dos padrões dos comportamentos e representações humanas, entretanto, por mais que possuam o mesmo esqueleto, cada pessoa ressignifica os arquétipos, de acordo com suas referências de experiências pessoais e socioculturais.

O arquétipo da *femme fatale* traduz a subversão e a busca pela liberdade feminina, essa figura arquetípica exala força, perigo e sexualidade desafiando os padrões estabelecidos pelo patriarcalismo. Deste modo, “a femme fatale é transgressiva porque se recusa a ser definida pelas normas sociais de feminilidade e também em relação ao homem” (CARVALHO, 2011, p. 55). É uma figura feminina que rompe com os estereótipos de feminilidade ligados à pureza e submissão da mulher, evidenciando sua liberdade e autonomia, além de exaltar sua sexualidade.

De acordo com Carvalho (2011) “A representação da femme fatale transgressiva coincidiu com a força de trabalho feminina durante a guerra e a independência social e econômica que as mulheres alcançaram, sendo que a femme fatale reflete profundamente as mudanças nos papéis das mulheres desse período” (p. 50). As mudanças das relações sociais refletem na transfiguração dos estereótipos do ser mulher pela sociedade, adequando-se às novas dinâmicas sociais. A saída da mulher do ambiente doméstico implica na desestabilização da instituição familiar e, também, dos papéis sexuais, uma vez que ao sair de casa e se inserir no espaço social as mulheres rompem com os tradicionais papéis familiares e de gênero.

Lilith: a deusa subversiva

A personagem Lilith (figura 1) é uma das representações arquetípicas da *femme fatale*, ela faz parte de diversas mitologias, sendo sua referência mais antiga a mitologia

sumeriana que a denomina como *Lilitu* ou *Lilita*. Um demônio feminino “ora como semeadora de vida, prazeres, sedução, uniões e alegrias, ora como aquela que causa dores, tristezas, mortes e destruições” (COSTA, 2015, p. 47-48), essa dualidade está ligada à mitologia que conta o desejo de Lilith de tomar o lugar da deusa Inanna, uma deusa sumeriana que representa tanto a ordem e heroísmo quanto a desordem e perversidade.

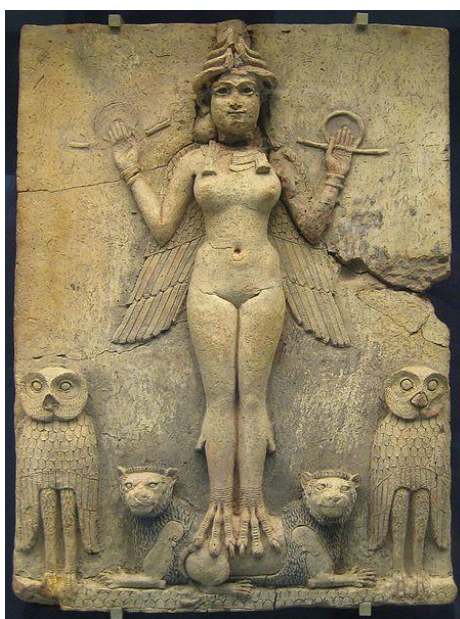


Figura 1: Queen of the Night. Relevo em terra cota. Dimensões: 49.5cm x 37cm x 4.8cm.
Fonte: Museu Britânico.

Lilith teria, então, assumido a face da noite de Inanna escondendo-se num galho oco do salgueiro, árvore sagrada de Inanna. Entretanto, Lilith é expulsa por Inanna e é afugentada para o deserto. Portanto,

[...] a partir desse momento em que Lilith voa, saindo da árvore símbolo dos domínios de Inanna, rumo ao deserto, ela passa a representar uma face da deusa anunnak sumeriana, no que tange ao seu lado noite, da escuridão, do desconhecido; torna-se a Lilith, a Dama da Noite, retendo em si, partes dos mistérios e poderes ocultos da face obscura da deusa Inanna. (COSTA, 2015, p. 50)

A ligação de Lilith com a noite representa seu caráter rebelde, que não permite ser dominada e controlada. Aqui a deusa Lilith já assume um papel subversivo e dual instaurando características femininas que busca autonomia e questiona as ordens impostas a ela.



Outra mitologia traz personagem Lilith é a judaico-cristã que narra o “nascimento da humanidade”. Considerada a primeira companheira de Adão, Lilith não aceitava ser submissa nas relações sexuais e sociais e, por isso, foi temida e punida com a expulsão do jardim do Éden e destinada ao exílio no mar vermelho, reduto de demônios. Esta mulher que era cheia de sangue e saliva, causou desconforto em Adão, que se sentiu perturbado. Sicuteri (1998) nos diz que:

Lilith é um *mito arcaico*, seguramente anterior, na redação jeovística da Bíblia, ao mito de Eva, por isto se pode dizer que Lilith foi a primeira companheira de Adão. É claro que o conteúdo do mito de Lilith tem fortes paralelismos com o mito de Eva. Porém, parece-nos útil pôr em relevo um particular: Lilith entra no mito já como demônio, uma figura de saliva e sangue, um verdadeiro espírito deixado em estado informe por Deus; é uma companheira que apresenta fortes traços de fatalidade. (SICUTERI, 1998, s/p)

O sangue, por ser um signo que representa a vida, pode estar ligado ao ciclo menstrual e à vitalidade feminina; já a saliva simboliza a libido, o desejo e o prazer sexual da mulher. Estas duas características já indicam a criação de Lilith como uma *femme fatale*. Ela é uma mulher inteligente, com sua sexualidade e sensualidade reveladas e com poder de manipulação, o que a torna uma personagem “destrutiva”.

Justamente por se enquadrar na imagem da *femme fatale* é que Lilith foi considerada como um demônio e como geradora de criaturas demoníacas. Uma mulher com sua sensualidade e sexualidade manifestadas e que não se submete às normas sociais patriarcais é uma afronta a um dos modelos de ser mulher, em especial o de submissão, que prega os preceitos da lógica judaico-cristã. O mal encontrado em Lilith é, então, a negação de obediência ao masculino.

Sicuteri (1998) discute o surgimento de Lilith, a partir do mito arcaico presente na Bíblia jeovística. O autor revela que o mito está presente nas entrelinhas, indicando que a primeira companheira de Adão foi Lilith e que esta é construída como uma personagem demoníaca, com fortes características de contestação das lógicas patriarcais sobre a submissão da mulher em relação homem e diante das relações sociais. Portanto,

[...] a descoberta de Lilith, com a reação que conhecemos, de recusa, e a segunda exclamação (“Desta vez são ossos dos meus ossos”, etc.) são *uma só experiência psicológica de aproximação onde poderíamos ver uma condensação de duas experiências*: a primeira — o conhecimento carnal — é censurada e removida; a segunda, ao contrário, exprime a aceitação da imagem “boa”, externa, da companheira, aquela que é mais agradável ao Pai e à Lei,



mas que será, também esta, inexoravelmente fonte de pecado. Tratar-se-ia, pois, de uma experiência libídica profunda distinta em duas fases, com um princípio implícito de ambivalência. (SICUTERI, 1998, s/p. Grifo do autor)

A figura de Lilith está intimamente ligada à de Eva, ambas sendo personagens femininas de um mesmo universo e que exprimem a imagem de um espírito transgressor e, especialmente Lilith, com sua sensualidade aflorada. Entretanto, apenas a primeira teve sua memória “apagada” das escrituras sagradas, firmando-se na história oral como um ser que pertence às “sombras”. Neste sentido, o imaginário da mulher “ideal”, como um ser submisso ao homem e que não possui autonomia sobre seu corpo e suas relações sociais, é direcionado à Maria, mãe de Jesus, que é descrita como uma mulher virgem e pura, digna de conceber o filho de Deus. A confluência dos mitos de Lilith, Eva e Maria é perceptível quando nos atentamos para o apagamento da mulher, a prevalência da inexistência de seu lugar como um ser igual ao homem, com as mesmas origens e relevância social.

O mito de Lilith pertence, especialmente, às narrativas orais, pois o registro escrito de sua história é perdido num momento de transição da mudança dos textos bíblicos:

O mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística, que se colocada lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes (...) a lenda de Lilith, primeira companheira de Adão, foi perdida ou removida durante a época de transposição da versão jeovística para aquela sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos pais da Igreja. (SICUTERI, 1998, s/p)

Lilith foi premedita a ser criada como inferior ao homem, suscitando as valorações patriarcais do judaísmo-cristianismo, portanto, o mal contido em Lilith é sua desobediência ao masculino. O mito contém informações fundamentais para o questionamento da imposição da sociedade patriarcal de tomar a mulher como invisível e insignificante. Postula-se, então, a problemática da mulher que luta por sua identidade e liberdade. Lilith, portanto, representa a liberdade máxima do feminino, evidenciando e contestando tudo o que está cristalizado em modelos e padrões constituídos por sistemas socioculturais, sociopolíticos e socioreligiosos.



Ressignificação da Femme Fatale

A imagem de Lilith, como um ser noturno subversivo, transgressor e com sua sexualidade afluída, pode ser percebida em algumas obras cinematográficas que exaltam o arquétipo feminino da *femme fatale* – a mulher fatal que se opõe às regras e aos estereótipos sociais e que busca subvertê-los. As ambiguidades presentes nas mitologias que narram diversas histórias de Lilith podem ser percebidas como metáforas para as variadas percepções do ser mulher, de acordo com o momento histórico e a cultura na qual ela é narrada:

Em termos de sociedade, de maneira mais ampla, nota-se que a produção social da supremacia do masculino pelo feminino é histórica e culminou com a construção de uma estrutura social patriarcal e paternalista que, indiscutivelmente, vem sofrendo profundas transformações nas últimas décadas. (GOMES; ALMEIDA, 2007, s/p)

A compreensão de tais mudanças é essencial para que se realizem reflexões acerca da posição da mulher na sociedade e em como o feminino é primordial na caracterização das relações sociais da contemporaneidade. O antagonismo entre feminino e masculino é colocado em xeque e a subjugação feminina é tomada não mais como condição primária, mas sim como uma anomalia social a ser erradicada.

O arquétipo da *femme fatale* está presente na história oral transmitida por meio de mitos, ritos, arte e religião através das gerações. Estes instrumentos de transmissão são processos mnemônicos que constroem, significam, tais processos são efetivos no inconsciente coletivo e pessoal dos quais Jung (2000) faz um debate. A memória é uma construção social semeada pelas relações sociais e carregada de simbolismos e intenções que correspondem ao contexto sociocultural na qual são criadas (GONDAR, 2008).

Partindo de uma perspectiva social Gondar (2008) aproxima suas reflexões sobre o conceito de memória com as reflexões de Jung (2000) sobre a conceituação de consciência pessoal e coletiva. Para a autora, “[...] a instituição da sociedade seria, de modo inseparável, a instituição do indivíduo social” (GONDAR, 2008, s/p), por isso, toda a consciência pessoal é transpassada pelo espectro social, formando uma interdependência nos processos de rememoração e resignificação. Esta relação entre individual e coletivo é ambígua e completar uma vez estes aspectos se opõe e se entrecruzam concomitantemente.



A memória é polissêmica e suas construções são fruto das configurações e conflitos histórico-sociais e políticos das sociedades, por isso, ela possui quatro pressupostos que nos dão as bases para melhor compreender seus sistemas de criação e significação. Gondar (2005), explica que a produção de significados é intencional e visa o porvir, o sistema de significações responde a posicionamentos éticos e políticos carregados de intencionalidade que caracterizam a conceituação das memórias. As circunstâncias, adversidades e vontades dos produtores mnemônicos é que fazem as memórias serem lembradas ou esquecidas e nos permitem melhor entender seus processos de criação, difusão e consumo.

Por auxiliar nas determinações dos processos históricos a memória deve ser tomada como uma arena donde se travam batalhas entre coletivos e indivíduos que possuem ideologias, intenções e diferentes associações direcionadas para a proposição de novas formas de interpretar e construir as sociedades (GONDAR, 2005). Por tais conflitos é que se definem as construções identitárias das sociedades, embasadas nas narrativas mnemônicas.

Partindo da concepção de que a memória é uma faculdade responsável pela criação de identidades e que ela é produzida socialmente, através de conflitos e intencionalidades, colocamos em evidência a problemática de como o arquétipo da *femme fatale*, materializado na figura de Lilith, é representado hoje em grandes obras cinematográficas? E como estas representações são efeitos das lutas do movimento feminista? Para tal utilizaremos o filme “Capitã Marvel” (figura 2), lançado em 2019, como objeto de análise e apontaremos características da personagem principal, interpretada pela atriz Brie Larson, a fim de buscar semelhanças entre suas histórias e a história de Lilith, evidenciando o arquétipo da *femme fatale* sob uma abordagem sociológica.



Figura 2: Pôster Promocional do filme "Capitã Marvel" (2019).

Capitã Marvel narra a história de Carol Danvers, uma piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, que possui poderes provenientes de uma explosão que a expôs a uma energia de um motor experimental de tecnologia Kree. Sua história gira em torno de sua busca pela verdade da origem de seus poderes e de sua própria origem. É uma narrativa recheada de conflitos e busca pela identidade da personagem principal. No filme temos uma personagem que é manipulada por um homem (personagem Yon-Rogg), obrigada pela sociedade a reprimir seus poderes e sendo enganada e silenciada pelo medo imposto a ela. Ainda é uma personagem estereotipada e subestimada por “não saber controlar suas emoções”. Ao longo do enredo a personagem se depara com situações em que sua identidade é colocada em dúvida e novas informações sobre seu passado são apresentadas de modo que ela começa a questionar as regras impostas a ela e sua própria identidade.

A história de Lilith se assemelha à história da Capitã Marvel quando suas narrativas convergem na representação da mulher como submissa ao homem e às imposições sociais. Larissa Freisleben (2016) diz que

O olhar propriamente feminino dentro da academia cinematográfica só surgiu com a revolução do feminismo, atrelada principalmente ao contexto sócio-político de empoderamento da mulher através do mercado de trabalho e com a pílula anticoncepcional, que significa um poder de decisão sobre o próprio corpo. (p. 02)



A autora diz que só a partir de então é que estudiosas começam a questionar as formas de representação da mulher no cinema e nos meios de comunicação. Estes questionamentos foram as bases para as análises das mulheres estereotipadas no cinema pelo feminismo. Historicamente o feminismo iniciou suas críticas em relação às representações sociais femininas estereotipadas, aos silêncios e às opressões. Tais abordagens são fundamentais para o processo de desenvolvimento sócio histórico que dá autonomia aos grupos sociais minoritários, quebrando paradigmas e demonstrando novas e diferentes formas de representação, afinal, a opressão e a subjugação são socialmente materializadas por meios físicos e simbólicos.

Os estereótipos e características presentes nas personagens Lilith e Capitã Marvel formam um ideário coletivo – contribuindo para a manutenção de estereótipos – que reafirmam a mulher como objeto de opressão e controle. A montagem ideológica das personagens é pautada na figura arquetípica da *femme fatale*, que traz à tona uma experiência de subjugação e submissão da mulher e sua posterior revolta e transgressões as regras impostas a ela.

Além de ser uma personagem feminina subversiva, a Capitã Marvel é uma das personagens contemporâneas que assume o papel de protagonista e heroína de sua própria história invertendo os típicos papéis masculinos e femininos. Sob a lógica feminista esta representação de uma mulher com personalidade forte, destemida, ocupando uma posição de militar e que quebra estereótipos femininos é fundamental para a resignificação da mulher na sociedade e na cultura:

Influenciadas pela lógica da semiologia, é dado devida importância na teoria feminista das formas artísticas, como o cinema, como meio de expressão. Juntando-se a lógica da psicanálise, onde os processos edipianos são fundamentais para a produção da arte, a crítica feminista então dá importância para como se produz o significado a partir de produtos artísticos e não somente o seu conteúdo. Ou seja, compreender o contexto para analisar as escolhas de planos e de construção de personagens é tão importante quanto a própria localização da personagem no universo cultural. (FREISLEBEN, 2016, p. 04)

As formas e formatações artísticas são, portanto, produtoras de imagens e representações que auxiliam na produção e disseminação das simbologias e significados que constroem e edificam as concepções do ser feminino. Estes mecanismos são fundamentais no processo de resignificação do arquétipo da *femme fatale* e na produção



de novas memórias pautadas em intenções políticas, sociais e culturais das ideologias feministas. Lilith e Capitã Marvel rompem com todas as formas de dominação e imposições patriarcais, culturais, ideológicas e/ou religiosas, mostrando-se modelos de mulheres fatais, livres e transgressoras de sua realidade e promotoras de memórias ressignificadas sobre o papel e o ser mulher na sociedade contemporânea.

Conclusão

Compreendemos que a Capitã Marvel é uma ressignificação contemporânea da deusa Lilith, trazendo aspectos mnemônicos da sociedade atual, engendrados nas ideologias e luta do movimento feminista e que surgem para transformar as concepções acerca do arquétipo da *femme fatale*.

A narrativa e representação simbólica da Capitã Marvel é a de uma mulher desqualificada e subestimada que se revolta e torna transgressora das imposições e estereótipos sociais, se libertando e empoderando. A narrativa fílmica mostra a mulher ocupando o lugar de ação e de busca pelos seus desejos e aspirações. É um feminismo subentendido, pois é sobre a denúncia e subversão das formas de opressão e controle direcionadas às mulheres que o movimento atua, tal fato é “perigoso” à lógica patriarcalista, uma vez que assume uma posição de transgressão e busca pela liberdade e igualdade feminina.

Entendemos que a Capitã Marvel traz um arcabouço simbólico, uma herança mítica e mnemônica de Lilith, a deusa transgressora, da liberdade e rebeldia que confronta quaisquer tipos de dominação advindas do universo masculino e não aceita ser mantida em cabrestros ideológicos e sociais. Percebemos que a função da personagem Capitã Marvel é despertar o lado lilithiano de toda mulher, inspirando a mudança dos símbolos e significados associados ao feminino e a quebra dos paradigmas das instituições culturais, sociais e religiosas. Ressignifica-se, assim, as memórias coletivas e individuais e o arquétipo da *femme fatale*, representando a subversão da ordem e a luta contra a dominação patriarcal e todos os tipos de normas que reprimem e tiram a liberdade feminina.



Referências

Captain Marvel. Direção: Anna Boden; Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2019, 124min.

CARVALHO, Débora Sofia L. P. *Fatal, Cativa e Independente: A Mulher no Film Noir*. Dissertação (Mestrado em Estudos Artísticos) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

COSTA, Oli Santos da. *A Pombagira: Ressignificação mítica da deusa Lilith*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

FREISLEBEN, Larissa Fafá. *Gêneros e gênero: um olhar feminista em À Prova de Morte*. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. p. 01-15.

GOMES, Antônio M. A.; ALMEIDA, Vanessa P. *O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea*. Âncora – Revista digital de estudos em religião. Ano II, Vol. II, junho – 2007.

GONDAR, Jô. *Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social*. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, ano 08, n. 13, 2008.

_____. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Orgs.) *O Que é Memória Social?* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, 2005. pp. 11-27.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000a, vol. IX/1.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo; Paz e Terra, 1998